

Trimestre.....	25000
Semestre.....	45000
Anno.....	85000

O PENSADOR

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Et j'en sou vainc parvul flammant, et circonvenant omni vultu doctum, in nequitiâ tantum, in astutiâ ad circumventionem erroris. (S. Paulo, Epistola Cap. V, v. 14. ad Ephosios.)

Maranhão, 20 de Agosto de 1881

Propriedade de uma associação.

A VISO.

No escriptorio desta redacção re-
sobom-se assignaturas para a segun-
te obra, para a qual chamamos at-
tenção dos nossos sympathicos leti-
res.

CONSIDERAÇÕES GERAES
sobre o conjunto da

Civilização Chinesa
e sobre

AS RELAÇÕES DO OCCIDENTE COM A CHINA

por

PIERRE LAFITTE

Director do Positivismo.

Traduzidas em Portuguez—por

GENERINO DOS SANTOS.

Preço—25000.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE AGOSTO DE 1881.

A igreja catholica é tolerante?

Todas as religiões tornam-se notaveis pela
intolerancia. Quem se der ao trabalho de es-
tudar uma religião, qualquer que ella seja,
encontrará indubitavelmente esse facto. E'
uma consequencia logica. A religião essente
sempre sobre bases totalmente falsas. O
catholico é o seu estivo principal.

Desde que forem tolerados as outras reli-
giões ha a discussão. Apparece o choque das
ideias. E desde que as convicções influem-se,

apparece a luz. Feita a luz—morrem ambas.
A discussão é prejudicial a toda e qualquer
religião. E é a consequencia fatal da toleran-
cia.

E o meio mais facil de obstar o embate das
ideias—é não admitir. Uma vez que não se
conceder logar a ideia contraria, ella não po-
derá firmar-se. Não terá logar onde preparar-
se para a pugna.

D'ahi—a intolerancia de todos os cultos.
D'ahi—essa necessidade vital para as reli-
giões

Religião sem intolerancia—é cousa impos-
sivel.

De todas as religiões a menos tolerante é a
catholica. Parte diabolica de quanta maldade
póde entrar no cahoa de um clero satânico,
essa não póde apparecer. Vive escondida qual
animal bravia na escuridade do seu antro—a
ignorancia. O paralelo della com outra qual-
quer levaria incontinentemente aos espiritos a con-
cepção da falsidade de ambas. Todas se con-
veneceriam de que a igreja romana—essa crea-
ção negra do jesuita—veio ao mundo para
degradação da especie humana

As atrocidades sem nome, a infinita serie
de crimes que para sua conservaçã, humens
torpes—seus sacerdotes—lêem praticado, sam
o spangio dessa igreja letifica com as fe-
gueiras que acendeu. A vileza é o meio que
emprega em suas conquistas.

Roma—a vella Messalina,—que tira a in-
fame citho dos Neros, tornára-se tambem a
das papas. Ella que tinha escravizado os
membros de um povo, ia escravizar as can-
-

ciencias da humanidade. A Nero ia substituir
Alexandre VI. A Caligula— Pio IX.

Essa igreja nefanda, que sacrilegamente
se probera com o manto das santas doutrinas
do Jesus Christo, tratou de devastar a
humanidade. O homem pensava. Do pensa-
mento nasce a luz. Era necessario extirpa-lo.

Mas o pensamento nasce com o homem. E'
um dum a que ninguém pode pôr peios. Al-
gemem embora os pulsos de um individuo, o
seu pensamento veera livre.

E portanto a igreja romana decretou a ex-
tuição da raça humana. Ella queria viver. A
sua vida é incompativel com o constante mo-
vimento evolutivo do genero humano. Sen-
ta-se forte. Quis matar o adversario.

Ella, porém, não considerou hem o acto
que ia praticar. Não tratou de indagar se elle
lhe trazia algum proveito, ou si, passada o
primeiro momento, tudo lhe redundaria em
prejuizo. Antes o praeurasse comprehen-
der...

Atearam-se as fogueiras. Portugal, Hespa-
nia e Italia viram as abutres estender as ne-
gras azas sobre suas opulentas cidades. Vi-
am atear-solgoeiras medonhas como a con-
sciencia dos illustres *confessores de si*. Sentira-
ram que tinha estido sobre elles a pista da
perseguição religiosa.

Homens importantes por seu saber e virtu-
des sam cruelmente assassinados. A fogueira
os devora. Os cavalletes estraçalham-lhes os
membros. O supplicio da agua da fies uma
morte lenta e cruel.

João Huss é queimado. Savonarola tem
igual destino.

Mas quem não ficará contente com
tudo isto é o nosso amo. Bem elle nos dizia—
Deixem-se d'isto, nós não servimos para isto,
não sustentamos aquillo que dizem e as-
sim podemos comprometter a muitos innocen-
tes.

Mas que importa, lá se aventura.

E' necessario, porém, mandar-nos im-
mediatamente participar o occorrido ao amo
e ao collega reuclamado.

Que isto terão os typos?

Ah! se eu pudesse vêr a cara com que
ellesião de ficar...

—Sim, é preciso e já. Estão tão longe!
Não devemos perder tempo, responde Frei
Fonseca—Mas quem será o portador de tal
nova? O Tao?

O *rafeiro* nessa occasião pede desculpa,
diz que não tem animo para ser emissario de
tal noticia e que alem disso está tão fati-
gado...

—Quem mandaremos pois? diz Frei
Guadalupe.

Nessa occasião, como que de proposito, vem
entrando seu *Pareza* (não é o Sr. Moyses To-
de, referimos nos ao nosso *seu Pareza*).

—Eis elle! eis o homem que nos convem!
exclama Frei Fonseca.

—Sim, sim, respondem Frei Guadalupe e o
rafeiro Tao.

Seu *Pareza* (sem ser o Sr. Saraiva) um
pouco espantado e enxugando o suor que
abundantemente lhe corre do rosto, indaga o
que tinha acontecido.

Em poucas palavras é posto ao facto do

E como se não hivesse tanta maldade, tra-
ta-se de pôr em accão outra perseguição.
Forja-se a Saint Barthelemy. Os huguenotes
sam trucidados. Bandos de humens firotiza-
dos, ao signal convencionado, encendem mil-
lhes as casas e obrigam a fuga aquelles que não
querem morrer ás mãos de tam santidos in-
imigos.

Eis uma resenha ligeira, muito ligeira, das
factos com que a igreja catholica tem accen-
tuado a sua tolerancia. Eis como a dilecta fi-
lha dos papas tem cuspido impudicamente as
fices do Christo—do homem do calvario.

E ainda ha quem se litie a essa seita—con-
centração de tudo quanto é perverso, de tudo
quanto é abominavel! E ainda ha hoje quem
se curve ante um homem. O papa—, auctor
de tanta crueldade! E ainda ha quem accento
a chella desse rebelde!

Será tolerante a igreja catholica?

Os factos que acima apresentamos sam
bastantes significativos. Elles demonstram de
uma maneira cabal, irrefragavel que essa
igreja infame como o que de mais infame ha
poe sobre a terra tem sido a assassina do ge-
nero humano.

Soou, porém, a hora da vingança. Chegou
o dia da morte da ossa mais encorajada ini-
miga.

Oh vós que nos ledes, odiái a infame!
Vingai vossos antepassados.

Matai a causadora de seus males.

sucedido e deliberado que partisse imme-
diatamente para a villa do...

Ea vão tenta desculpar-se, nós instigulo
e ameaçulo pelos Rvds. *Guadalupe* e *Fonseca*
ca, resolve-se a partir.

—Mas no menos dê me um cavallo, não
ha-de ir a pé. Quando lá chegarei?

—Sim, alguns o que quizer, mas avie-se.
Va ao Zé Camo, entenda-se com elle. Não
perca tempo, disse-lhe o *rafeiro* Tao.

Desorientado e com a transtornada perdidã
sabe seu *Pareza* (não é o Sr. Taide), arrepen-
dido de ter entrado em semelhante lugar em
tal occasião.

Pela caminha faz as seguintes reflexões:

—Em que vou me metter. Nunca em mi-
nha vida menti. Alem disso, como sem risco
de vida posso aventurar-me a tamanha jor-
nada? Tenho inimigos. São 2 horas da tarde
e quando chegarei ao fim da viagem? Com
certeza ja bem de noite.

Triste e pezaroso caminhava seu *Pareza*
(olhem que é o seu *Pareza*) e parando de re-
pente exclamou:

—Não, não vou! Querem metter-me em
alguma tascada! Porque não vão ei us? Ja
perderam o pobre innocente e agora tencio-
nam dar-mo cabo da pelle? Não, não vou!
esta decretado. La voltar para traz mas
reflexionando novamente, diz:

—Mas que remedio tenho eu? Não é essa
a minha vida? O que dirá o amo se souber
que não me quiz prestar a semelhante traba-
lho?—Despreza-me com certeza.

Vamos seu *Pareza* (olhem que é seu *Pareza*)
seja homem, faça sua obrigação.

FOLHETIM.

O perdão de um padre.

—Deixe-me entrar! deixe-me entrar!

—O que? quem é o senhor?

—Você não me reconhece? não conhece o
rafeiro da casa?

—Ah! desempa seu *Totó*, queira perdão.
Foi engano meu! O Sr. vinhu com tanta
pressa que tive medo.

—O que foi que aconteceu? está tão es-
pantado! succedeu alguma nova desgraça?

—Sim! Diga-me, o Rvd. *Guadalupe* está
abi?

—Esta, sim senhor, pode entrar.

Este dialogo teve lugar certo dia á porta de
um convento entre o porteiro do mesmo e o
celebre *Totó* já bastante conhecido do publico.

Apressado penetra o nosso *Totó* no con-
vento e dirige-se a cella do Rvd. *Guadalupe*. Em-
porta a porta e com lagrimas nos olhos ex-
clama:

—Estamos perdidos! Oh! que desgraça!
O juiz!! o juiz!!

Frei *Guadalupe* levanta-se e Frei *Fonseca*
com quem estava conversando, deixa caber o
livro que tinha na mão, e juntamente pergun-
tam:

—O que foi? e que succedeu? Conte nos
ludo.

O *Totó*, com phrases sentidas e e entre-
taladas de soluços, conta-lhes que o Tribunal

Superior, confirmara a sentença do juiz, que
pronunciara como reuclamado a um certo
padre, que por meio da imprensa, tinha posto
em dúvida a parte official que a authori-
dade superior dêra um sobre e distincto
funcionario publico.

Frei *Guadalupe* fiage sentir tal aconteci-
mento, mas ao mesmo tempo um raião de ale-
gria assoma-lhe ao rosto.

Satanaz exultava ao vêr que a sua obra ia
em progresso e que seus planos tembulosos
tinhão produzido optimos resultados. Olha
para Frei *Fonseca* e exclama:

—Então collega, o que diz a isso? Não
acha que tinha advinhado? Olhe, veja se eu
estou na ascrita de apresentar-me como autor
de tal artigo? Em que rascada estava eu agra
metida? Tenho muita pratica d'isto. Não
costumo responder pelo que escrevo, princi-
palmente quando encontro quem a isto se
presta.

Frei *Fonseca* encara seu collega e diz-lhe:
—E' verdade! e eu tambem do que escu-
pei?

Foi preciso ter coragem e oppor forte re-
sistencia á vontade do amo. Olhe lá, se eu
mo fo no que elle me dizia! Estava bem
aviado! Sofria la o *Totó*. E' mais moço do
que nós, não tem tantos inimigos e alem dis-
so que passa por estes dissabores para não
ser isto.

Porque não empurrou um tanto *testa de
ferro*? Era para admitir que não sustenta-
semos aquillo que tinhamos dito? Tera que
não, visdo ser esse o nosso costume.

—Lá isso é verdade, interrompe Frei *Gu-*

Operação do padre Ozorio

O digno ajudante de ordens da presidência maior João Manoel da Cunha acaba de publicar o padre Ozorio Alvayde da Cruz, que se apresenta responsável pelo artigo columnoso, publicado no *passagem clerical* contra aquelle bravo militar.

O procedimento do digno major Cunha tem sido alvo de merecidos elogios da população desta capital, com exclusão apenas desse grupo maltrapalho, que procura por todos os meios ensaio de perturbar a paz das maranhenses e expôr ao ridículo a autoridade ecclesiastica; cujo maleabilidade, filha da acanhada educação que recebeu, é patente e não admite contestação.

O major Cunha desde que conheceu que o padre Ozorio não era mais do que o responsável legal, ou *teste de ferro* como vulgarmente se diz, do artigo columnoso, resolveu, segundo nos informam, perdê-lo. E assim o fez, depois de ver o Superior Tribunal confirmar o despacho de proscição do meritíssimo Juiz.

Não tollon a defeza do reo. Não escreveu um unico artigo no intuito de predispor os animos a seu favor. Ao contrario conservou-se silencioso confiando na magistratura maranhense. Como militar precisava desfilon-tar-se e assim o fez; mas desde que se *cafureou*, não com o verdadeiro columnador, que vive oculto a maneira do sianita para ferir com mais certeza, mas sim com um infeliz, de cuja boa fé se abusara, apparece a piedade e a galanteria, hábitos do as-seguros rudes da campanha, commove-se e perdona.

Estranho parallello offerece a procedencia do digno major Cunha e do dos padres do Santo Antonio, sectarios segundo dizem da religião de Christo, toda paz e caridade.

A piedade perdona o padre Ozorio, que por obediencia se tornou responsável e a especulação queria abafar de uma maneira vergonhosa a defeza do nosso bravo impressor, por meio de uma desistencia para a qual se concedeu poderes, quando ainda estava no intuito do juiz a sentença tão cobrada!

A mordaza porém não prevaleceu e os maneios jesuiticos cahiram por terra derribados pelo supremo magistado da lei.

Mais tarde quando a historia imparcial registrar esta luta da liberdade contra a vil so-

luna, ha de forçosamente enovar nesta esmagadora conclusão: nos, *os paraguaios com o quepaco moral*, nunca fomos convictos de columnas! em quanto que os honrados da ordem, da paz e da verdade iam levando no laço dos reos o compañheiro como columnador? O perdão dispensa a pena mas não apaga o crime. O columnador enlora perdudo ha-de ser sempre columnador. Quem columno é paraguaino e paraguaino sóis vós pobres rumanos.

A politica e os padres de Santo Antonio.

A politica, esse virus contagioso que todo principia e estraga; a politica, essa lepra que contamina ainda os mais respeitaveis, tornando-os muitas vezes abjectos; a politica, essa gangrena social que não cogita dos meios para abençoar os fins, viria completamente afastada do jesuita e apenas um outro padre se apresentava como campeão eleitoral.

Hej! podem succedeo ineluctavelmente a contrario. A maisissima lei da reforma, que fez de cada cidadão um elector, foi imprevidente quanto ao jesuita, pois não o excluindo da communhão geral dos brasileiros, concedeu-lhe mais um meio com que possa especular em favor da perigosa seita, que por toda parte renega contra a liberdade, neste seculo de luz.

O honrado entalão, que por ser pobre não pôde attestar certo e determinada renda, não vota; ao passo que o jesuita, impostor renco-nario, delirador de orphão, de cara cynica e refractario aos sentimentos do pudor, grita em nome da lei, que elle jamais respeitara, pois como soldado do papa tudo faz em prol da seita, embora culque aos pés a propria nacionalidade.

D'ahi essas transacções ignobres que fariam corar qualquer bravo, que a não fosse do papado.

O jesuita, astuto e velhaco como sempre, tira o proveito que pôde do voto que a lei imprevidente lhe concedeu. Assim elle votará no conservador ou no proprio liberal, que deseje a separação da igreja do estado, com tanto que d'isso he resulte algum proveito.

—Deixe estar que quanto a mim terei sempre esse cuidado, responde-lhe immediatamente Frei Gueldtha.

Depois de longa e tormentosa viagem, com o corpo doído e transido de susto, pela madrugada do dia seguinte chegava o nosso *seu Puzeca* ao fim da sua viagem.

Montado em um pessimo e sendejo hecaphalo, viria-se a nosso pobre coitado pais mais de uma vez na dura necessidade de apurar-se e condair pelos rebus do maldito animal, que segundo elle proprio depois contara, tinha occasião que era mais tempesto e difficil de governar-se do que o *impartido* do Pará, que actualmente reside entre nos.

Vendo-se enfim livre do perigo, porém estalado e com muito somno, dava o *seu Puzeca* graças a Divina Presidencia, por tello levado a paz e salvamento.

Embora fuisse ainda muito cedo, lá vai o nosso viajante á casa em que morava o *hachaque* do amo em companhia do *rvd*, condemnado, e sem mais hesitar bate á porta com toda a fôrça.

—Quem é? pergunta-lhe uma voz de dentro.

—Sou eu, abra, abra que já não posso! Estou estalado!

ouve se rumor no interior da casa e sentem-se passos de hesitação.

—Quem é? perguntam outra vez de dentro.

—Sou eu. Não me conhecem?

—Eu quem?

O processo do padre Ozorio veio confirmar de um modo terminante a verdade d'estas asserções, deixando patente o pouco escrupulo de certas manobras, que querem ser deputadas por fôrça, embora seu merecimento seja na realidade microscopico.

O jesuita não acreditava que o digno major Cunha perdusse a responsavel legal, ou como vulgarmente se diz—*teste de ferro*, das columnas que lhe fôrta atrozadas pelo *passagem clerical*, e por isso poz-se logo em campo procurando traçar o voto por qualquer meio em proveito do parvo, cujo boa fé dilaqueira.

A transacção se fez e os jurados, até alli tranquilos, eram agora constantemente visitados pelas *teas* manobras, que pedião como cegas a absolvição do columnador que, dizem elles, já havia soffrido muito. Estes factos tão repugnantes, quanto asperosos, e que gerão, nos homens athenos a estas lutas, essa indifferença cruel, parem justificada, que tão prejudicial tem sido á nossa patria.

O generoso perdão do digno major Cunha teve por consequencia um fim muito mais procliboso: porque se por um lado livrou do prisão esse infeliz, victima da astucia do Mourão, por outro livrou talvez o Maranhão de se fazer representar por algum *filho* despedido do merecimento e do prestigio pessoal que devem caracterisar os elites da nação.

COLLABORAÇÃO

Aventuras d'um Mourão

AMIGO REDACTOR

Vou commoçar-lhe uma alta novidade.

Dos lentos prelos da typographia dos padres do covil de Santo Antonio brevemente sabrá á luz de publicidade, depois de ser solememente baptizado por D. Antonio, um livro, um importante livro, escripto no estylo e no genero da «Theozoa Philosophia», contando romântica e circumstancialmente as surtas proezas amorozas do celeberrimo e famigerado *ex-actor* das—*causas* das *xaxexes*—do convento do Amparo, na provincia do Pará.

E' a triste historia da infelicidade, da des-

—Eu, *seu Puzeca*, trago novidades, ahi vem depressa.

Imediatamente abre-se a porta e *seu Puzeca*, é introduzido para o interior da casa.

—Onde está o amo? onde está o *rvd*?

—Estamos aqui, estamos aqui, respondem ambos assustados. O que succedeu? que desgraça temos?

Seu Puzeca, bastante atropalhado conta o que succedera.

O padre desmaia, e grossas e abundantes lagrimas correm-lhe dos olhos.

—O que dizia eu? Enganaram-me! O que será de mim?

—Tende paciencia filho, diz-lhe commovido o *paz todos* do amo, soffre com resignação. Christo tambem soffreu. Somos seus ministros e por isso devemos imital-o em tudo. Tende coragem, nós soffreremos com voo.

—Sim, sim, diz-lhe o padre, isso e bom hom de dizer-se. Tola fui eu em ter-me apresentado para responder pelo que não tinha culpa.

Eu é que hei-de ir para a cadeia, ao passo que o criminoso, o covarde, talvez esteja a essas horas rindo-se da minha in-reducibilidade.

—Lá isso é certo, interrompe *seu Puzeca* Frei Gueldtha e Frei Fonseca, não commoveram-se lá muito com o succedido.

—Vejá, veja, diz o *rvd*, haçes roum a cal, e dirigindo-se ao amo,—veja quanto ao seu desgraçado!

Desmaia.

Seu Puzeca succorre-o e ajuda-o a deitar-se.

honra, de—*duas* innocentes mães—atiradas no marcho da prostituição e da miseria pelas immensas sentenças catholico desse *palho* perigoso, desordenado, ambicioso e insensavel, que e o leão desse podre Alvarenga, que pouco a pouco se vai submergindo no mar da desmoralização.

O livro traz vinte e duas estampas coloridas. E' escripto por Joaquim d'Albuquerque, tendo um magalico e pampozzo prologo do capitão Bristol Faria. O titulo é este:—*AVENTURAS DE UM MOURÃO*.

Segundo me disse o *seu Puzeca*, não pensam que e o Sr. Moysés Tuda—o livro é uma obra prima por todos os lados que se a encrenre. A theozoa, o estylo, o trabalho litterario, o trabalho artistico, as considerações moraes e philo-sophicas, a enredo, os personagens, a fel e brilhante pintura das scenas, tudo, emfim, deixa patente que Joaquim d'Albuquerque e um conhecedor perfeitissimo destes livros, cujas assumptos são tiradas da vida dos conventos:—«Cherubim, ou o filho de pais incognitos»—«Dez annos de vida d'uma mulher»—«Theozoa Philosophica»—«Serões do Convento»—«Marinhado»—«Frei Saturnino».

Segundo e mesmo *seu Puzeca*—não confundido!—o livro mostra que Albuquerque tem tambem possado por tudo aquilo do que elle trata. Disso resulta que a obra será um trabalho completo e perfeito.

Vamos, amigo REDACTOR, ter occasião de apreciar minuciosamente uma das qualidades mais elevadas,—a de devassa—desse hypocrisa condemnado, que nos veio do Pará, no qual o profundo Moliere reconheceria a figura viva e palpante do seu immortel—Tartufo.

Vamos ter o ensaio de poder ver que esse sacerdote romano, chefe da perigosa quadrilha de Santo Antonio, reune em si Jacques Clement, Ravaille, Tarquimada, e as qualidades santas, perniciosas, doces, agradaveis, evangelicas e sensenos do padre—Dunno.

Quantos ingenuos Eruditos não terão, innocente, deixado arrastar-se ao abysmo da prostituição, tendo em vista um lugar no ceo, pela sensualidade fradesca dos *Dianax* e dos *Mocuos*?

Tudo haverá quem constata que suas mulheres, suas filhas, suas mães, abandonem o

O amo retira-se e reprecitudo severamente ao *seu Puzeca* que treme como varas verdes.

—Imbecil, quem mandou-te fazer considerações em minha presença?

Deixa estar, tu me pagaras.

Dixido isto volta para onde estava a pobre victima de sua inepcia e das arlimanhas de Frei Gueldtha e Frei Fonseca.

Seu Puzeca, maldixão da sorte, e em um conto da casa chorava, vendo a todo o momento a vingança do amo pousar-lhe sobre a cabeça.

—É este o pago que me dão! Ingratos! Eis o pago de tantos sacrificios! Eu me vingarei!

Passados dias, a victima da columnada do vilão, padre, completamente justificada perante a opinião publica, *desiste* de levar o columnador ás barras do tribunal do jury, e movido pela caridade perdão as offensas recebidas.

O condemnado, crea nova alma.

Seu Puzeca bate palmas, o *Toto*, mostra-se desanimado, pois vê fugir-lhe a esperança de uma boa colheita.

Os sultimbancos Gueldtha e Fonseca, *dannam* se e procuram outra victima para immular, tudo isso em nome de Deus e da Santo Madre Igreja.

Oscar d'Alca.

lar da suas ensas, para metterem-se em sociedades religiosas...

O I.º — As AVENTURAS em MOURÃO — será de uma grande utilidade social. Aquelles que não ignorão, ficarão submersa e quanto as sociedades religiosas são prejudiciais à mu-

lher. O confessoria é uma porta que dá para um abismo — A SENSUALIDADE no PAPEL. — A mulher entra para ali honesta e se deshonra.

Venda, pois, o livro. Nos, ancianos, esperamos.

Frei Saturno.

A opinião publica dos padres

«Dizem em quem vizes e dir-to-hei quem tá es.»

A mentira é uma das qualidades mais elevadas e caracteristicas do jornal catolico. Este preiza-lhe e precisa. Uma necessidade o desculpa.

Desprezido como se acha, repellido como pasquim por todos os homens sensatos, arcaido contra uma indignação geral, o artigo dos interesses catholicos vê-se obrigado a inventar fortas, a adular a verdade e a atribuir a si qualidades que nunca possuia e que jamais possuirá. É forçado a mentir em razão da situação critica por elle mesmo creada.

A prova do que acabamos de dizer está no seguinte: — a gazeta clerical, cujo estado de demoralisação é por todos conhecido, tem a arrojado aproveitamento do cavallero a opinião publica nos seus negocios. E faz isto tendo quasi todos as dias manifestações de-lavourais desde mesmo publico. É que hoje um padre só pôde ter merecimento por suas particularidades puramente particulares. A não ser assim é ollada com desprezo, despetendo a uns a riso, a outros a compaixão.

Estão os padres de Santo Antonio em condições de serem considerados por suas qualidades particulares? Aposso podem elles recomendar-se pelas suas virtudes, pelos seus sentimentos de caridade, pela nobreza de seus caracteres? Não.

O primeiro delles é conhecido por um rollado especulador. Durante o tempo que esteve no Pará foi a desluzida dessa provincia. Lá deixou nas ruas publicas duas — rapinas — transformadas por elle em duas — meretrices. Esse digno sacerdote do papa, — coucho he não só o innocente como a virgindade. Hoje a sua penha é o terror dos homens de bem. Todas as reputações parás desta terra estão arriscadas a perder nas garras desse insidioso mor da honra alheia.

O segundo, R. Passera, é a hypocrisia, leia e noventa, levada ao seu ultimo grau de aproveitamento. É auxiliaor do instrumento do primeiro. No terreno do imulho baixo e vil, esses dois reptis tomão proporções desforçadas e amedrontadoras. Nota re-pellido, Ataca a todos. Como animaes damnados tudo mordem.

Estão ali os principaes redactores do santo orgão, os chefes de ultramontanhismo n'esta terra.

E são esses mesmos homens que dizem, com uma falta de vergonha só digna de cães: —

A opinião publica recebeu indignação a noticia da confirmação de promozão do conego Ozorio; — a opinião publica cuja causa advo-gamos, aponta como autor de tudo que se faz aos padres ao Exm. Sr. Presidente da provincia; — a opinião publica está commovida.

Que o leitor conheça essa opinião publica? Quer saber quizes são as pessoas de que ella se compõe? O numero delhas? Pois bem vamos dar-lhe ao trabalho de mostrar-vos a verdade, depois do que poderis avaliar a importância que goza os redactores do pa-pel clerical.

Está aqui a — opinião publica — de que tanta fallão elles. Leiam-se e admiram-se:

- Dr. Anchytholomou.
Tito Cervello.
Capitão Aristol Farin.
Almeida, o boia aberto.
Seo Paulo.
Aviso do Bannos, o grande palha, porazito.
Alfonso Maranhão, calozinho.
Seo Parvato.
A meia dúzia de padres dos Mercês.
O Coração de Jesus.
Uns tres devotos de alta hiera.
Cas cinco oprimos, e
Alguns politicos que por falta de dignidade se forão mettra em os pedras para insultarem o Exm. Dr. Curizato, somente porque tem sabido ser um bom presidente. e não um Lige, de triste e aboradora memoria.
E essa a gente que conside a grande opinião publica dos padres de Santo Antonio.

Que miséria! Por ella muito bem se pôde julgar do merecimento d'elles.

Não esses sacerdotes que se dizem sustentadores da religião.
Padres padres! Um futuro triste vos aguarda.
17 — 81 — 8.

João Huss.

E' muito mentir.

A gazeta clerical, orgão dos interesses dos padres de Santo Antonio, sempre que deixa o rhuqueiro onde vive, para passear pelas ruas desta cidade, com a forinha erguida, como que dizendo: — arredem, que lá vai imundicia, eu sou o Mourão — e succedido por onde vai passando, a luma que lhe cobre o corpo, tem o debachado cynismo de dizer a sociedade que a despreza:

A nossa imprensa seria reprovada e perseguida que se FAZEM OS PADRES.
Que imprensa é essa, de que trata o orgão? Não são a confissões, e julgamos isso uma invenção. Julgamos, não é uma pura invenção dos theologos redactores.

Quando e como manifestam-se essa imprensa a respeito de padres, reprovando e perseguindo que FAZEM?

Não sabemos e de certo não inventa quem sabia.

A imprensa fallu muito alto para que todos possão ouvir. Sua voz retumba por toda a parte. Todos a ouvem. Não ha surdez para ella.

E como até hoje toda não se ouviu uma só reprovação a RESSUSCITAÇÃO FEITA AOS PADRES, nesta terra?

A prova do que acabamos de dizer, está no artigo de fundo do numero de 13 de corrente da gazeta clerical, quando diz que a imprensa se tem conservado silenciosa.

Como conhecer assim a opinião da imprensa, reverendissimos tutores?!

O orgão catholico vê nesse silencio a re-provação de que tanto falla. Que opinão ha interpretação? Muito pode a theologia!

Nos vemos nesse silencio o contrario d'aquillo que dizem os santos oradores. A imprensa que nem uma palavra tem murmurado a respeito de padres, — QUEM CALA, CONSENTI, — diz o proverbio.

E além disso, parte da nossa imprensa, ex-ceptando esse papel vil e indolente, que ataca, grosseira e involuntaria, as a honra das familias, e que é escripto eua, agna-benta, sobre a pedra das alunas, e sob a sua gasta protecção do Divino Espirito Santo, tem censurado histante a linguagem, pedada de calumnias e de injurias, de que se tira serviço a gazeta clerical, contra tudo e contra todos O «Diario do Maranhão» — «Telegraphica» — «Publicador Maranhense» — ali estão para provar essa verdade.

Dirão-nos que o «Paiz» tem dito alguma coisa a favor dos padres reusitados. Ah! «Paiz!» sim, tem dito. Mas o «Paiz», triste destino! já deixou de ser orgão para se tornarem!

Ja vêm as santas redactores que mentirão mais uma vez, o não admira, quando disserão que a imprensa seria condemnada a re-suscitação aos padres.

E assim que os padres de Santo Antonio advogam as seus interesses e os da religião catholica. São dignos della!

Para tornarem sympathica a velha e apodrecida causa que defendem; para chamarem sobre si a compaixão do publico, que he tão repellido, os pobres redactores só tomam a vista, quando recebem e quando fallão, fazer crer que elles estão sendo martyres.

Os martyres offerecem essa resistência. Não sabem ser mores. Christo, que se deitou a martyrisar pela liberdade, nunca fallou em nada só contra aquelles que he cuspiam nas faces. Christo fallou, porque perdura a Indica — a cruz. Jesus foi um grande martyre, porque morreu pelo povo, sem ter nada legitimo.

Os padres de Santo Antonio, que indignamente se dizem martyres por causa d'esse mesmo Christo, só sabem insultar. O insulto é o perdão ou lutoo d'elles.

E dizem se perseguindo, para que pensem que são martyres. He um martyrio, um só, para os seus tutores: — o remorso — esse tor-ceduto vivo e implacavel. E o que sentos, saltadores de respeta. Ha de haver socialis que faxeis mal a humanidade.

Não são vos perseguimos. E a morte he certo que vos abruma. E todo o genero humano que vos detesta.

E em fim disso tudo, diaris, por meio do vosso noticiario orgão, que o jornalheiro seria reprovado e perseguido que FAZEM OS PADRES. E muito mentir!

17 — 81 — 8.

João Meilher.

VARIEDADE

O passeio a Cajapió.

As cousas não andam boas. O nosso Antonio Candido não se sente bom. Segundo gente lá do paço elle vive triste, meditando, com a cabeça sempre curvada, e olhar constantemente abaixado por uma melancolia profunda, o seu andar é carregado e compassado, o movimento do seu corpo outrora tão bolioso como uma cobra, e agora pezado, sem graça, sem elegancia e fúrcieira, e que fazia as delicias do santo povo do Coração de Jesus — a riso que lhe pairava nos carmellos labios, como um travesseiro Capello, sempre que entrava no Convento e no Revelamento, fogio-lhe como a passaro que abandona o riuo, quando é acotado pelas furias da procella, tem as faces pallidas e a voz arrastada. Antonio Candido está para morrer. Cantado do pleruma

— Mas o que tem elle?!

— Desgostos, dizem uns, pela derrota que está soffrendo a igreja.

— Está passando vida de santo, quer ser canonizado, dizem outros.

— O homem está apaixonado por uma formosa Eva, dizem-se n'uma botica.

— Não lhe querem corresponder o amor, fallam-se n'uma loja.

— Está sentido pelo papel triste que lhe tem imposto o Sr. Guedeslras.

— São saudades do S. Paulo, dese bello tempo em que beava corneta.

— São effeitos de ganho, allimento que muito aprecea.

— Não, o que elle tem é fraqueza cerebral em razão de excessivas exercicios religiosos.

— Finalmente, diz o Dr. Anchytholomou — é heri heri — e manda-o dar um passeio a Cajapió.

Toria dito a verdade esse santo Escalpo? Não? Elle não mereca fe. Conhecemos-lhe a vida. E quem não a conhece? Este santo Dr. é um hypocrita, e mal vil mentiroso, um ignorante chapado. E a vergonha da classe a que pertence. Tem mais remorsos in concei-cencia, se é que a tem, o que divididos, do que a ventos apodrecido d'um cadaver tem de vermes. Vive nos sacerdotes. Quando a simonia entra nas igrejas para beijar os ritos, tem deixado de ser aquillo que é para ser — charlatanhismo — O jesuato — doutor mento. E seu costume.

Qual é pois a doença de Antonio Candido?.. É, segundo muita gente, a doença das doçuras — a quechedero — isto é — a falta de dinheiro.

Verjamos se é ou não.

Antonio Candido quando aqui chegou, encontrou a cidade recheada. Estava gozando. Reentrou logo uma grande importância, se não toda, para a sua provincia, para offeior ser guardado. Escondida que lá o offeio, tem moa, como o muito natural, a escolher-se. Mas, ah! que coisa desgraça! eis que nas ruas do Pará, circulando a barra lúmina, o jesuato umms atrevido e insolente, que se tem visto. E a multidão em pressa, tolta e hebeida, a objecta e parversa, levada a seus ultimos paroxysmos. Elle e grande, não negamos. Tem a grandeza d'um d'um d'um d'um. De-se-lhe uma forte com d'uma humana. O arrastamento d'uma figura n'um homem. E o Satan hebreia mettido no corpo d'um christão. Inda não houve imaginação humana que preturissa mostrasse-dole tão apatallado. Milton fallou-lhe sea Lucifer. Banta mettel vilita no inferno. — E um eble, não sabemos a que especie pertence, excessivamente perigosa, por todos os lados que se apresenta.

Em por isso, que, mal tendo chegado a esta capital, n'um o facto da d'herodia em publico, procurou logo anochisar a sociedade.

Dahi a luta travada, remuda, constante, o que tem sido para elle uma completa successão de tremendas derrotas. E que nestos tempos não mais se pode dizer ao seculo — outra — como antigamente Jobeval ao sol. E que o Padre. Berno de Iroje é um ser impotente.

Mas para que o jesuato pretense lutar, o que hoje inda consegue, apesar da marcha hebreia que faz n'uma retirada triste e vergonhosa, era preciso muito e muito dinheiro.

Inda não houve imaginação humana que preturissa mostrasse-dole tão apatallado. Milton fallou-lhe sea Lucifer. Banta mettel vilita no inferno. — E um eble, não sabemos a que especie pertence, excessivamente perigosa, por todos os lados que se apresenta.

Em por isso, que, mal tendo chegado a esta capital, n'um o facto da d'herodia em publico, procurou logo anochisar a sociedade.

Dahi a luta travada, remuda, constante, o que tem sido para elle uma completa successão de tremendas derrotas. E que nestos tempos não mais se pode dizer ao seculo — outra — como antigamente Jobeval ao sol. E que o Padre. Berno de Iroje é um ser impotente.

Mas para que o jesuato pretense lutar, o que hoje inda consegue, apesar da marcha hebreia que faz n'uma retirada triste e vergonhosa, era preciso muito e muito dinheiro.

Inda não houve imaginação humana que preturissa mostrasse-dole tão apatallado. Milton fallou-lhe sea Lucifer. Banta mettel vilita no inferno. — E um eble, não sabemos a que especie pertence, excessivamente perigosa, por todos os lados que se apresenta.

Em por isso, que, mal tendo chegado a esta capital, n'um o facto da d'herodia em publico, procurou logo anochisar a sociedade.

Dahi a luta travada, remuda, constante, o que tem sido para elle uma completa successão de tremendas derrotas. E que nestos tempos não mais se pode dizer ao seculo — outra — como antigamente Jobeval ao sol. E que o Padre. Berno de Iroje é um ser impotente.

Mas para que o jesuato pretense lutar, o que hoje inda consegue, apesar da marcha hebreia que faz n'uma retirada triste e vergonhosa, era preciso muito e muito dinheiro.

Inda não houve imaginação humana que preturissa mostrasse-dole tão apatallado. Milton fallou-lhe sea Lucifer. Banta mettel vilita no inferno. — E um eble, não sabemos a que especie pertence, excessivamente perigosa, por todos os lados que se apresenta.

Em por isso, que, mal tendo chegado a esta capital, n'um o facto da d'herodia em publico, procurou logo anochisar a sociedade.

sabido, em cuja questão muito tem gasto e que inda ha de gastar no caso que a perda de todo.

Um padre, da mesma camarilha, foi chamado a responsabilidade por crime de calumnia, cujo pronuncia foi confirmada pelo Superior Tribunal da Relação. E isto gastou, como é natural, uma somma bem soffivel.

Agora perguntamos: — d'onde tem sahida toda esse dinheiro? — Somente dá balga do nosso infeliz clero? Não. — Da mitra.

— E' justo, meus amados irmãos, que nos luctamos pela santa causa da nossa mita santa e divina egerje romana. — diz Antonio Candido, possuido de serio enthusiasmo.

— E' justo, sim, e mais que justo, responde-lhe a perigosa jesuata; porém é preciso dinheiro. Sem elle nada se pôde fazer. E não o tenho. Sou pobre, bem a sabeis.

— Terei, irmão. Ah! esta o rendimento de-lhe meoz. Levam.

Disto tem resultado um completo esvaziamento nos cofres. Elles já não podem receber-se com indigentemente. E' que a grande mina — a igreja — pouco ou nada tem em seus seios de mulher gasta. E por isso que aqui se creio — Corações de Jesus — em Roma se chamamão dois patões.

— E' preciso mais dinheiro, Rm. Sr. — exclam o meio da pejeja, quasi afogado, o diabolico roupeja.

— Já não ha mais, acabou-se, replica-lhe Antonio Candido tudo agotado e cheio de impaciencia. En, o possuto canello, morre-te antes de ter atravessado, com a minha igreja ao dorso, o vasto Sahara da incredulidade. Que vergonha!

— Nada temas, Rm. Sôde — hucephalo — que serri Alexandre e assim fundaremos a grande imperio da decassidão e da rapinaço. Temos altas qualidades de Lovicea e elevados delas de Irtapias. Assombremos a mundo. Mas... sem dinheiro nada fozemos. Temos necessidade de elle.

— Não o ha, já vos disse, responde-lhe chorando Antonio Candido.

— E' urgente que o tenhamos. Arrange. Va ao interior da provincia. Ha por lá muita gente ignorante. Nesses lugares um intrado e mesmo que um Deus. Va e voltareis rico, muito rico. Vireis coberto e cheio de valiosos minas, de soberbos presentes, de ranceros, ovelhas, marreiros, patos, perit, gallinhas, cabras, bois, vacas, mulas e cavallus, etc. etc., a que trocado em moeda corrente dar-lhe-ia uma bonita quantia. Va e assim salvem-nos!

— Sim! eu vou.

Está ali a grave molestia de Antonio Candido... Talvez estejam enganados. Bem pode ser que hajão outras que necessitam de mudança de clima e de leito. Se assim for, por lá lavora *Salta e Cordeiro*. Mas... nós optamos pela falta de dinheiro.

E a vapor balogando-se, leveiro e garboso, salta as ondas e impellido pelas frescas e perfumadas brisas do Atl. e do Bacoça, singra nas aguas... em procura de Cajapió.

E do alto do tambaullo, Antonio Candido, em pe, alvica, cheio de fe, com o olhar valhosamente mettido por entre as torres de Santo Antonio, exclama satisfeito:

— Está salva e igreja.

— Terei dinheiro.

E o cello representia ao buço: — rimau osunimo

17 — 81 — 8.

Gacinhado.

ECHOS DA RUA.

Por Deliberação da Redacção deste periódico será publicada, na primeira numero do trimestre vindouro, uma relação de alguns generosos assignantes que nos tem leito o especial obsequio de ter gratuitamente O Pensador. E assim procedendo se tem em vista patenhor a esses dignos protectores nossa immorredoura gratidão.

Para ser agradado aos nossos bondosos assignantes que gostam de pagar para ler, ficamos segun para Cajapió em dos nossos mais esportivos collaboradores, encarregados exclusivamente da chronica dos acontecimentos, que tiverem lugar na dita localidade durante o tempo que alli estiverem a *Abravenga paulista*.

Frei Tabaco, o preguicoso, inda ha de fazer uma missa em S. José de Bha-mar, topa-se com umas meretrices morenas, o quem offereceu soberbo peixe nauquado, trazendo na volta uma das ditas na grampa. Isto tudo

com uma galanteria que faria inveja a qual-quer D. Juan.

—E nós a pensarmos que este *santo narrete* só tomava tabaco e comia liga de passarinho...

O rapazião Ozorio ficou tão satisfeito com o perdão que lhe concederam, que passava as tardes na porta de sua cozinha na Villa do Paço a jogar pedras nas botijas que por ali transitavam.

—Seu Athaide não faça isso. Botija de padre é como sala de mulher, e se um bo-aquelles lhe enfia os dentes na coxa, você vê-se em calças pardas.

O Vigário de Piracema não assignou o protesto em favor do rapazião Ozorio.

—O *niçuelo* fez bem. Se elle havia assignado para depois tratar-se, como fez com o digno Dr. Brandão, foi melhor assim.

Joaquim d'Albuquerque, o tacho-que da Cretisacão, diz no numero ultimo, que todas as leituras de hoje, officinaes e endoçadas, não têm valor algum.

—Este insulto cubado, jogado a face do commercio, da a medida exacta do caracter baixo d'esse *conego* de contrabando.

Frei Miranda, o *desgozo*, perdeu o espantillo de p'as fundas de S. Pantaleão e vai todas as noites procural-o.

—Qualquer dia destas nos iremos ajudar o padre...

No dia 13 do corrente, pelas 2 horas da tarde, o *capitão de Piracema* varrelava a prometteira paça no dorso d'uma almofada em busca da Villa do Paço.

—Em cheirando a *hada* o vigário não pôde sacrificar-se...

O capitão Bristol, o suex paquinheiro de todas as epochas, anda com crimes do padre Virandó por este ter perdido o *espantillo* da para S. Pantaleão.

—Porra capitão! Quanto mais velho fica menos vergonha tem.

Porque motivo Raimundo Fonseca tem tanta raiva do commercio?

—É porque o commercio vende e quer receber, e Raimundo quer ter collegio e não pagar...

O incomparavel seu Pareza gastou pataca e meia de araca para restabelecer a paz do lombo, que a *carra-melante* lhe havia alterado.

—Se esta seu Pareza procedesse honestamente, como procedo e estimavo Sr. Moyas Tude, não lhe acontecia d'isto.

Raimundo Fonseca, o *critico diabo* d'O Mulato do nosso povo colligo Aluizio Azevedo, diz que um dos *deffetos* dele, e não trator de certos assumptos com a mesma mesura que Alexandre Heroldiano!

—Ora ali está como aquelle pedaço d'ano recobere inausculatamente o merito de Aluizio.

Padre Miranda, a *desgozo*, vinda pela rua de S. João, lá das fundas de São Thilago, em companhia de duas Senhoras, disse-lhes indolentemente, ao passar junto d'uma paça que ali se conserva sempre: *oita sempre qui pusteria o contacto destas aguas estagnadas, pois fazem febrez pilulaves.*

—Pois nos achamos muito mais perigosos a *campañita* d'esse padre, do que um haço de tal paça danadão.

O ignominioso perdão com que o *pepido das orphãs* quiz, mas de balle, enlamear o nosso braso impressor, acaba de fulminar o seu *testa de ferro*, conservando-o eternamente sob a pecha de caluniamador!

—Chama-se a isto—*tir buaco lá e sair tesqnoado.*

O *cafeiro* Totó ficou damnado com o perdão do rapazião Ozorio, porque veio lirar-lhe a *meia do pury.*

—Tem paciencia *pirozo*, logo mais acabará a casa do Caminho Grande.

O Rev. *Mira-astel* arrempeitou lá dias um enterro de chapéo de só aberto, por causa de um *pequeno churriso*.

—Se fosse qualquer de nós seria um crime não respeitá-lo a cruz.

não massor nas enterros e espera do que pedo empes-tada, do que O Pensador marcer.

O mesmo padre anda triste e quer deixar a freguesia porque a *crusa* não tende e elle tem grande familia.

—Deixe Rev. e venda p'o nosso todo que lhe daremos um pingue *ordemado*!

Movimento dos templos, Santo Antonio na Sexta-feira ultima.

Table with 2 columns: Item and Amount. Items include: Bestas sem directoria (13), Ditas do batelheo (18), Thesouraria grossa (1), Zeladora fisa (1), Grande chefe dos papas (1), Sua possuiba encastando (1), Sua lillots ja velha (1), Sua pallosinho pretinho (1), Carnices diversas (8).

NB. Seu Pareza não tem ida por ter o lombo moito

Sonor Pompadour.

BOAS NOVALEHENSES.

Escreve-lhes esta chronica com um pé no estribio—talvez seja a ultima que pingue da incompetencia de minha pena nesta Athenas encarambeada, onde o moleque representa uma polencia do Estado e onde o clero se deixa representar alegremente por um molecagem.

Vou partir, vou! Não cedo láo ouvirei gemer perto de meus ouvidos as notas deliciosas do orgão catholico, orgão que se tinha convertido em verdadeiro realajo, cuja manivella acha-se confiada as mais comentes mãos, e cujas variadas pergas se tinham substituido no melhor encanto de minha vida.

Que pungente nostalgia não irá enfiar este pobre chronista ausente dos padres, delles que foram sempre o seu melhor divertimento!

Tinha-me acostumado a fazer deste canto do Pensador a modesta janella, por onde me comprazia ver de dez em dez dias as diffizes cubriolas que faziam os santas acrolatas no seu pavilhão de papel typographico.

Os homensinhos fizeram sagasmento da *Cibibisio* um circo de cavallinhos—arramaram o alpendre, arrenderam um lustre de velas lentas, fabricaram os conhecidos arcos de papel fino, plantasiaram-se com as suas rotupas mais vistosas e resolveram condilar ao joooso Fonseca o espinhoso papel de palhaço.

Feito isto mandaram que *cafasse o pinho!* E o sagrado realajo mastigou uma peça, que fez as delicias do populocho boquealberto e o desespero da famigerada *panolorga.*

O espectáculo foi completo! O Fonseca, que a natureza dotara de um phisico admiravel para saltimbanco, empastou as faces de vermelho e alvaide, atirou-se a uma rabelleira ruiva, calcou nas horzognias de marroquin, botou umas meias encarnadas e cahio sobre o publico como uma tempestade de espirito.

E desde então ninguém mais pôde resistir á graça, á veia, á farsa do endomoiundado gaitão—mas pilleritas fizecam como estiletes d'ago que nos penetram até o intano; sons tregeitos, suas momicos, fazem rebentar de riso tudo que o cerca—ver o Fonseca equivaie a fazer uma provisio de gargalhadas.

Ouvil-o é perder o amor nos bofes do collate e da calça—o diabo do homem quando abre a bocca ninguem mais aguenta o serio.

Entrelando uma agonia tremenda peza-me como uma mão de ferro sobre o coração todas as vezes que acompuldo o magro estrião nas sues evoluções arriscadas e verdadeiramente comicas—ó que no riso venal de palhaço ha um resalio profundamente triste de velho amargor accumulado pelas misérias da epocha e pelas decepções da vida—diz-se-lia que o pobre trauão soluça quando escancara a velha bocca á hilaridade do populocho.

dir-se-ia que as suas carambellas são arrancadas pelo desespero e pela raiva contra a humanidade que o apupa e acalicha como um sapato raso de conego.

Si o acompanhásseis ao interior da tenda, vel-o-ias com certeza soluçar com uma grande agonia enquanto o publico em fora chama por elle, entre as exclamações ruidosas de uma platéa canalla—Que venha o Joaquim de Albuquerque! Queremos o palhaço de meias encarnadas!

—Pé! pé! O palhaço! O Aluizio!

E elle, o pobre Aluizio, fisico e esalvado, responde lá de dentro a estas reclamações com uma ameaça surda, impotente, cheia dos movimentos irrisoramente iracundos de magriçolla.

—Ah! pobre bobo! pobre capricho da natureza, que as vezes se apiza em vazár cá neste valle de lagrimas e gargalhadas verdadeiros monstruos, destinados a servir de divertimento as nullhões!—não venhas.

Não venhas! Devora na obscuridade do teu desespero as lagrimas que te saltam pelo vermelho das faces. Chora, desgraçado, que o pranto é o desalago das grandes dozes mores. Chora, que a tua sorte negra talvez trançapie sobre a accão benedicta dos lagrimas.

En quanto antes de deixá-te, fizerte uma revelação que talvez te sirva de consolo—in sempre me inspiraste do!

Sim! nem entro este publico que te persegue com os informos assovios da plebe, sabe, que ha um ente que se internee quando tu appareces no fundo do circo com o teu grande ar de galgo empalhado, ha alguém que se entenece a olhar para as tuas pernas esgaigadas, para o teu espina esquelastica, para o teu porte fofo, angulosamente horrivel, ha alguém que acompaña com um olhar triste as voltas sinistras de teu pescoco descarnado e escurrido como uma perna de concha.

Deixa dizer-te agora que eston para deixá-lo—um sempre le supuz muito mais todo do que não! nunca fui indifferente a tua desgraça, e quando te vejo apparecer para divertir o publico, quando te vejo chegar com este ar casado de quem arrasta uma grande molestia, quando te vejo com a tua peira no peito, a tua tosse secca, a fazer esforços sobrenaturaes para arrancar um riso do publico—Ah! Fonseca, tenho impetos de tomar-te pelo cabresto, conduzir-te a Camião da Mato e saltar-te lá com estes versos do immortal Tolefano:

«Vai-te misero cavallo, basarento
«Pastar longas campinas livremente!»

São essas naturalmente as ultimas palavras que dedica ao infeliz palhaço—elle que se contente com ellas, porque eu tenho cousas mais serias em que cuidar.

Um ceta, a ultima, dirigida ao sympathico Bispo Antonio.

Meu caro Antonio e Exm. Senhor.

Estrevo em forma de carta, porque V. Exc. foi para o Cajapió, e eu não posso deixar as *colerinas* d'O Pensador, seu despedir-me de V. Exc. que por tanto tempo foi o meu cuidado e a minha mais forte carreira.

—Ah! senhor bispo, é ainda a verdadeira sympathia que me arranca estas palavras—V. Exc. para mim foi sempre um objecto prezioso e digno das melhores desvellos.

Quantas vezes, quando V. Exc. se ausentava da capital, como agora, não passei em horas esquecidas a dizer entre dentes—senhor bispo vem! senhor Bispo vem!

E quando V. Exc. chegava parecia que o coração queria saltar-me pela bocca em um assomo de contentamento!

Quantas vezes, Exm. senhor, não chorei lagrimas de sangue a considerar o modo deastrado porque alguns padres mal intencionados se aproveitam da bofia e da ingenuidade de V. Exc., para levar a effeito os mais odiosos planos que é possível imaginar.

Uma vez, neste mesmo canto d'O Pensador, lance a liberdade de querer abrir os olhos de V. Exc.; porem tive o desgosto de ver que V. Exc. insistia em conservar os seus respeitvos olhos cada vez mais fechados. Pois bem, Exm. senhor a experiencia deve ter de sobra provado aquillo que eu não conseguia provar, a experiencia deve ter demonstrado a sociedade a V. Exc. que a gente de que V. Exc. se cercou é a peor gente d'este mundo.

Queria V. Exc. attender para os lamentaveis factos que decorreram na escuras governação de V. Exc. Queria reparar como a falta que, a saerficio de varias pessoas, creou se para defender os interesses catholicos, só traga de desabafar questões piosas e zelar os interesses particulares.

Quora V. Exc. notar como tudo, tudo o que se tem feito durante a sua diocese, só tem conseguido acarretar a odioidade do publico, o desgasto para o sensível coração de V. Exc. e o descredito geral que poz sobre sua respeitavel cabeça como uma mitra de chumbo.

—Digam-se V. Exc. tomar um espelho e mirá-se, e verá quanto atadida está sua physionomia, dantes tão presenteira e aberta, verá como essas bellas olhos, d'onde partiram outrora chispas enlambadas, agora se encovados e sombrios como dois buracos de caranguejo.

Repare V. Exc. como so lhe arqueou a boeca, como o nariz de V. Exc. hambou para a terra, como o sinistro morco de um perá.

O que é feito de ti, o bella cor moreno rosado, que tanta graça davas ao rosto oval e ternoato barbeado da S. Exc.!

Sorrisos que em melhores tempos enfeitastes os piedosos labios do senhor bispo, para onde partistes vos, ó bandidos?!

Si ao menos tivésseis ido para o Cajapió S. Exc. ir-vos-ia encontrar, risos fugitivos; porem não! vos, ingratos! não fostes para o Cajapió e S. Exc. continuará serio, serio e triste como a celebrata que acordava o bosque de que falla o honnriso Gasemiro de Albreu!

—A estas horas V. Exc. estará no Cajapió acordadoo tambem alguma rolinha para contar-lhe as magas que leva condicionadas no coração.

Todavia se alguém neste mundo merece viver alegre e desafrontado é sem duvida o nosso Antonio—elle que possue a doce penugem das almas innocentes, elle, que é ingenho como uma sensitiva!

—Atua de surruria! peito de sabá! que minhas palavras vos sirvam de lenitivo ás grandes magas que vos cavaram largos sulcos na palidez da fronte.

Sci que V. Exc. já não pôde reagir contra a ferrivel politica que em torno de V. Exc. levantaram os aycopantans, como quem levanta uma nuvem de pó venenoso. Sci que já não é tempo! É tarde! Ignéz e morta!

O que resta pois?! Qual o ultimo recurso?!

—Morrer! morrer como um heroe da obscuridade, morrer embullhado no branco manto incolme da virgindade!

Morrer como morrem os passarinhos—sem um gemido, sem um ai, sem um suspiro, morrer como o mimoso saguim, victima de uma caréta.

E então en tomarei a minha pena e irei escrever com tanta cor de rosa um sepultura o seguinte epitaphio:

Aqui dorme Antonio, Condido até no nome! A innocencia fez delle uma martyr. Seria um bispo si não fosse um idiota.

Sou de V. Exc.

Amigo velho.

O leitor deve ter reparado que esta supposta chronica não vale um assovio, é natural, porem o leitor nesse caso que se queixe do assumpto—não se pôde fazer calças de gigante para pernas de fútricas.